CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: *esportes.df@dabr.com.br* Telefone: (61) **3214-1176**

Árbitro é demitido

A expulsão de Vinicius Junior contra o Valencia na derrota do Real Madrid por 1 x 0 no último domingo custará caro ao árbitro de vídeo Ignacio Iglesias Villanueva. Ele será demitido pela Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF). Ao chamar o árbitro de campo, Ricardo de Burgos Bengoetxea, para revisão no monitor, o VAR exibiu apenas o trecho de vídeo onde Vinicius acerta o rosto de Hugo, omitindo a parte em que o jogador do Valencia segurou o atacante do Real Madrid com um mata-leão.

RACISMO Nove anos depois de ouvir capitães das seleções lerem juramentos contra a injúria na Copa do Mundo do Brasil, em 2014, Vinicius Junior deflagra maior batalha no futebol desde o Caso Bosman. Luta ganha o apoio de companheiros, Real Madrid e da Fifa

Guerra ao sistema

GABRIEL BOTELHO
MARCOS PAULO LIMA
PAULO MARTINS

Há nove anos, os capitães das seleções classificadas para as quartas de final da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, liam antes dos jogos um texto simpático redigido pela Fifa em uma cruzada contra o preconceito: "Rejeitamos qualquer tipo de discriminação de raça, orientação sexual, origem ou religião. Por meio do poder do futebol, podemos ajudar e livrar o nosso esporte e a nossa sociedade do racismo. Assumimos o compromisso de perseguir esse objetivo e contamos com você para nos ajudar nesta luta".

Nascido em 12 de julho de 2000, em São Gonçalo, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e criado no bairro do Mutuá, o negro Vinicius Junior tinha 14 anos. O adolescente era uma joia da base do Flamengo. O juramento dos donos das braçadeiras na Copa poderia ter tornado o ambiente do atacante menos hostil à prática da profissão escolhida na infância. Só que não.

Vinicius Junior acaba de comprar a maior briga com o sistema do futebol desde o Caso Bosman, quando Jean-Marc Bosman peitou a Federação Belga, a Uefa e a Fifa em uma guerra silenciosa até a sentença para ter liberdade de trabalho. O engajamento pessoal revolucionou o direito do trabalhador à livre circulação na Europa e mudou radicalmente a formação dos elencos no Velho Continente. Em vez de três estrangeiros, os times passaram a contratar quantos achassem necessários.

A cruzada de Vinicius Junior é para tirar do papel os belos politicamente corretos discursos contra o preconceito no sistema do futebol. Vítima de injúria racial 11 vezes desde o desembarque na Espanha (**leia página 20**), a última delas domingo, na derrota do Real Madrid para o Valencia, por 1 x 0, no Estádio Mestalla, pelo Campeonato Espanhol, o atacante de 22 anos usou novamente as contas nas redes sociais para reforçar o ativismo e se comprometer com a causa.

"A cada rodada fora de casa uma surpresa desagradável. E foram muitas nessa temporada. Desejos de morte, boneco enforcado, muitos gritos criminosos... Tudo registrado", lembra. Mas o discurso sempre cai em 'casos isolados', 'um torcedor'. Não são casos isolados. São episódios contínuos espalhados por várias cidades da Espanha e até em um programa de televisão", desabafa.

Protagonista do Real Madrid na temporada, Vini continua: "As provas estão aí no vídeo. Agora, pergunto: quantos desses racistas tiveram nomes e fotos expostos em sites? Eu respondo para facilitar: zero. Nenhum pra contar uma história triste ou pedir aquelas falsas desculpas públicas", ironiza um dos candidatos a melhor do mundo nas próximas edições da Bola de Ouro e do Fifa The Best.

Vinicius Junior cobra ações imediatas do sistema do futebol. "O que falta para criminalizarem essas pessoas? E punirem esportivamente os clubes? Por que os patrocinadores não cobram La Liga? As televisões não se incomodam de transmitir essa barbárie a cada fim de semana?", questiona o texto.

Há quem apoie — ou ignore — a cruzada de Vinicius Junior. "Está claro que é mais fácil falar do que fazer, mas temos que fazer e apoiar um processo de educação", afirmou o presidente da Fifa, Gianni Infantino. Ele cobrou aplicação do Padrão Fifa nesses episódios. "O jogo é interrompido e o caso é anunciado. Os jogadores deixam o campo. O locutor anuncia que, caso se mantenham os ataques, o jogo será interrompido. O jogo é reiniciado. Se as agressões seguirem, para e os três pontos vão para o adversário."

Pressionado pela possibilidade de Vinicius Junior deixar o Campeonato Espanhol em represália aos insultos racistas. O Real Madrid acionou a Procuradoria-Geral do Estado por crime de ódio e discriminação. O presidente do clube espanhol, Florentino Pérez, se comprometeu em uma reunião particular com Vinicius Junior a ir às últimas consequências para defendê-lo e mostrou-lhe todos os passos jurídicos para preservá-lo.

Em contrapartida, dirigentes controversos como o presidente da Liga Espanhola, Javier Tebas, e o dono do Valencia, o cingapuriano Peter Lim, não se posicionam com veemência. Ambos têm personalidades polêmicas (**leia quem são eles com perfil dos cartolas**).

Quem são eles

Gerard Julien/AFP



Javier Tebas, presidente da Liga Espanhola
Apoiador declarado de um grupo de extrema-direita, Vox, e ex-integrante do Fuerza Nova, partido fascista criado para preservar o franquismo. "Se a extrema-direita significa defender a unidade da Espanha, a vida e o modo de vida católico, eu estou nesse grupo e continuo pensando o mesmo de quando estava em Fuerza Nueva", afirmou em 2016.

Roslan Rahman/AFP



Peter Lim, proprietário do Valencia
Dono do clube, o cingapuriano não se pronunciou sobre os atos de racismo contra Vinicius Junior até o fechamento desta edição. Discreto, ele a presidente Lay Hoon Chan sequer têm contas nas redes sociais. É sócio de Beckham, Giggs, Scholes e os irmãos Gary e Phil Neville em um time da quarta divisão inglesa.

Jose Jordan/AFP



"O problema é gravíssimo e comunicados não funcionam mais. Me culpar para justificar atos criminosos também não. Não é futebol, é desumano

"O que falta para criminalizarem essas pessoas e punirem os clubes? Patrocinadores não cobram La Liga? As tevës não se incomodam de transmitir a barbárie?"

Vinicius Junior, atacante do Real Madrid

A ficha suja de uma torcida extremista

Vinicius Junior apontou os agressores no último domingo, no Estádio Mestalla, na derrota do Real Madrid por 1 x 0 para o Valencia, provavelmente sem saber sobre a torcida que o atacava. Fundada em 1983 e em um dos palcos mais quentes de rivalidade do futebol espanhol, a Ultra Yomus é a herdeira da Curva Nord, maior grupo organizado atrás da meta norte do Estádio Mestalla, casa dos Morcegos.

A introdução destes torcedores se deu de forma oficial em 2019, logo após a interrupção da diretoria valenciana da entrada da Curva Nord às arquibancadas. Entretanto, de forma ilegal, o braço-direito dos adeptos radicais resistem, inclusive com protestos contra as diretorias e o dono do clube, o empresário cingapuriano Peter Lim.

Em janeiro de 2023, um caso curioso veio à tona. O líder da Yomus, Ramón Castro, apelidado como "Levis", teve conversa direta com o então técnico do time, Gennaro Gattuso. O episódio ocorreu na chegada do time ao Aeroporto de Manises, seguida da derrota no último minuto para o Valladolid.

Na conta oficial do grupo no Twitter, uma breve parte da conversa foi registrada em vídeo. "Hoje, recebemos a equipe para expressar o nosso apoio. Nós estaremos sempre ao lado do time, mas também esperamos da sua parte que coloquem vontade e não arrastem nosso escudo. Estaremos com nossas cores sempre", disse a legenda.

No dia anterior, uma postagem falava sobre próximos passos: "Estão manchando o nome de um time histórico. Não podemos consentir que nos dividam, devemos estar todos unidos e lutando por um mesmo fim, de libertar nosso time das mãos de pessoas mercenárias".

O comandante ultra tem antecedentes criminais, além de ser um declarado e reconhecido fascista. Em 2005, a Justiça espanhola condenou a Ramón e mais três integrantes a pena de dois anos e meio de prisão por desordem pública, atentado às autoridades e lesão corporal contra policiais na Supercopa da Espanha, em 2002, quando o Valencia perdeu o título por 1 x 0 para o La Coruña, 4 x 0 no agregado.

A região de Aragão, no leste espanhol, teve outro caso de repercussão internacional. Em 2014, de frente à Colectivo Aldeano, torcida do Villarreal, uma banana foi atirada para o lateral-direito Daniel Alves, então no Barcelona. Além da Yomus, outro grupo fascista atua na primeira divisão: a Jove Elx, do Elche, tem 41 anos de existência, sendo reconhecida pelos combates e confusões nas diversas categorias disputadas pela equipe.

O teor violento não apenas afeta a vida civil na Espanha e em outros lugares pela Europa, mas coloca em risco os executivos das instituições. Em uma faixa, os ultras valencianos ameaçam a diretoria da equipe em caso de rebaixamento para a segunda divisão: "Se arrastam o nosso Valencia para a Segunda, não terão onde se esconder".

Sob pressão, o Valencia informou, ontem, que o torcedor identificado será banido para sempre do Mestalla. "Trabalhos estão sendo feitos de maneira coordenada para confirmar a identidade de outros possíveis implicados". O clube se manifestou em nota também para disponibilizar as gravações das câmeras às autoridades espanholas "a fim de agir com rapidez e contundência" na identificação.